

IGREJA
LUSITANA

COMUNHÃO
ANGLICANA

o novo despertar

PARA UMA IGREJA DE PARTILHA E MISSÃO

PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL

SETEMBRO 2016

€1.25

Nº 171

“SE VOCÊS DEREM MUITO FRUTO
E MOSTRAREM QUE SÃO MEUS DISCÍPULOS,
A GLÓRIA DO MEU PAI SERÁ MANIFESTADA”

João 15,8

Destaque nesta edição



Pág. 13 a 20
96º Sínodo Diocesano



Pág. 20
Ordenações ao presbiterado



Pág. 22 e 23
Uma Visão Ecuménica



Pág. 26 e 27
Muçulmanos em Portugal

Assine já! O Novo Despertar digital

registre-se em www.igreja-lusitana.org para receber a newsletter.

faça um gosto: www.facebook.com/igreja-lusitana



Ficha Técnica

Entidade Proprietária: Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica **Director** - D. Jorge Pina Cabral **Administração** - Rev. Sérgio Pinho Alves **Equipa Redactorial** - D. Jorge Pina Cabral, Rev. Sérgio Alves, Dr. António Manuel Silva **Colaboradores neste número:** Jorge Barros, Abdul Rehman Mangá, Odair Pedroso Mateus, Pedro Fernandes, Fernando Santos, Sérgio Cabaço **Redacção:** Centro Diocesano, Rua Afonso Albuquerque, 86 Apartado 392 4431-905 V. N. de Gaia Tel: 223 754 018 - Fax: 223 752 016 **E-mail:** centrodiocesano@igreja-lusitana.org **Web:** www.igreja-lusitana.org **Tiragem:** 750 Exemplares **Periodicidade:** Trimestral. Isenta de registo na ERC ao abrigo do Dec. Regulamentar 8/99 de 9/6, artº 12, nº1A **Depósito Legal:** 251930/06 **NIPC:** 592003159 **Impressão:** Sersilito. O Novo Despertar é um órgão oficioso da Igreja Lusitana, editado pelo Sínodo Diocesano. O seu conteúdo pode ser reproduzido desde que seja citada a origem. As opiniões expressas são da responsabilidade dos seus autores e não representam necessariamente a posição da Igreja Lusitana. **Assinatura Individual Anual Nacional:** 10€ **Assinatura Individual Anual Internacional:** 15€ **Assinatura Benemérito:** 15€ **NIB:** 0033 0000 00005468868 81 (Millennium BCP)



“Vão e façam com que os povos se tornem meus discípulos”

Mateus 28,19

D. Jorge Pina Cabral

Para um caminhar pós-sinodal

Reunida em Sínodo diocesano no passado mês de Junho, a Igreja Lusitana propôs-se percorrer um caminho focado no «discipulado intencional», que potencie a transformação da vida de cada um e a transformação da vida em sociedade, e promova ainda o desafio à própria Igreja de chegar àqueles que ainda não conhecem e aceitam Jesus Cristo, como Senhor das suas vidas.

O foco no «discipulado intencional», hoje comum entre muitas tradições cristãs, parte da importante premissa de que o mundo necessita de Cristo, e a Igreja, na sua fidelidade à Missão de Deus, necessita de cristãos que assumam a sua fé e se comprometam com as realidades, desafios e oportunidades que o tempo de hoje coloca à vivência da fé cristã. Ao mesmo tempo que assume o desafio de um discipulado comprometido, a Igreja, fiel ao mandamento de Jesus (Mat. 28,19), assume também a nobre e vital tarefa de «fazer discípulos» e de criar condições para o seu crescimento de fé e espiritual.

Em boa altura, a Comunhão Anglicana, na diversidade de tradições e de vivências que lhe é própria, assumiu uma compreensão holística e integral da Missão da Igreja, que combina harmoniosamente a proclamação das boas novas do reino de Deus, com a evangelização e batismo de novos crentes, e ainda a construção da paz e da reconciliação na sociedade com a salvaguarda da Criação de Deus. A exigência e a sabedoria, consistem em não desvalorizar nem sobrevalorizar nenhuma destas marcas de Missão, criando antes condições para que todas se concretizem e se complementem.

A proclamação do Kerygma (a Boa Nova de Cristo morto, sepultado e ressuscitado) deve caminhar a par do serviço e da transformação das estruturas injustas da sociedade. Deste modo, a Igreja de Cristo, assume o seu papel único e insubstituível, de oferecer em Jesus Cristo, uma proposta de sentido e de transcendência para a vida, capaz por si mesma, de transformar as realidades humanas em que é chamada a viver e a testemunhar. Capaz de transformar vidas concretas. Não se trata para a Igreja de uma opção de caminho ou de Missão, de uma estratégia a ser seguida, mas antes do assumir da sua condição e vocação mais profundas.

A «intenção» subjacente ao exercício do «discipulado», deve pois sustentar-se numa opção pessoal livre e responsável, numa fé adulta e assumida, que prioriza o seu tempo, e os seus dons, ao serviço do Reino de Deus. Uma fé que no «caminhar para Jerusalém» assume a cruz e caminha progressivamente em doação de vida para Cristo e como tal para os outros (Lucas 14,27). Na sua opção, a Igreja Lusitana nas suas diversas realidades, encontra-se perante um desafio; muito do seu modo de estar e de fazer deve ser repensado. Deus chama-nos a dar novos e bons frutos para que a glória do Pai se manifeste. Frutos que nos levem a criar novos pontos de missão aonde o Espírito Santo nos chamar a fazê-lo. Seja em casa de famílias, em cidades onde a Igreja Lusitana ainda não está presente, em contextos de trabalho, de ensino e de serviço que estão carentes do anúncio do Evangelho.

Cinco são agora os eixos que devem nortear o caminhar de «discipulado intencional» de cada crente, de cada paróquia e da Igreja no seu todo até ao próximo Sínodo em 2018, sempre em comunhão ecuménica cooperante com as outras Igrejas:

- (re)descobrir o sentido e finalidade do discipulado à luz da promessa e mandamento de Jesus Cristo;
- enquadrar o discipulado cristão no contexto das cinco marcas de Missão da Comunhão Anglicana e no contexto das esperanças e necessidades do Mundo em que vivemos;
- ajudar ao assumir da condição de discípulo de Cristo em todas as áreas da vida do crente;
- promover meios e recursos que facilitem a evangelização e o fazer de novos discípulos pelas paróquias locais;
- sustentar o discipulado através da oração individual e coletiva.

Caminhemos pois, sabendo que o Senhor da Igreja está sempre connosco (Mat. 28,20). Ele nos orientará para que em Seu nome, possamos dar muitos e bons frutos e para que a glória do Pai seja manifestada.

+ Jorge

Paróquia do Redentor celebra sacramentos

Jesus respondeu: «Fica sabendo que só quem nascer da água e do Espírito é que pode entrar no reino de Deus.» (S. João 3,5)

Este tem sido, com a graça de Deus, o testemunho que a Paróquia do Redentor tem conseguido dar, com os diversos baptizados que aqui têm ocorrido desde Maio do ano passado.

Alguns deles já foram noticiados nesta publicação, mas, nesta edição, temos a oportunidade e a enorme satisfação de dar nota da realização de mais três.

O primeiro aconteceu no Domingo de Páscoa, 27 de Março, inserido no Culto Eucarístico, e foi o baptismo de um adulto, mais propriamente da nossa irmã, em Cristo, Catarina Pratas, que há muito tempo tinha manifestado a sua disponibilidade e sincera vontade em ser baptizada na nossa Igreja, no seguimento do percurso de Fé que tem vindo a fazer junto da nossa comunidade.



Batizado de Catarina Pratas

Assim, depois de um período de preparação com o seu envolvimento num grupo do Curso Peregrino, liderado pelo Pároco, no qual também participam o seu marido, Rafael, e filhos, Daniel e Inês, que decorre em Coimbra, cidade onde residem, foi possível satisfazer o seu desejo e cumprir com o seu propósito de ser recebida na nossa igreja, numa cerimónia presidida pelo Pároco e à qual assistiram os seus familiares mais próximos, juntamente com o testemunho e a sentida felicidade dos membros da congregação que se fizeram presentes.

É de salientar, dentro do espírito de Missão que a todos nos implica, que esta família, apesar da distância geográfica da nossa paróquia, tem tido uma participação activa em vários eventos e iniciativas da nossa Igreja e tem feito um acompanhamento, muito próximo, de toda a actividade paroquial.

No Domingo 8 de Maio, foi a vez da menina mais novinha da paróquia, Mariana Gomes, receber o Sacramento do Baptismo. A Mariana, filha da Joana Mota e do Luís Gomes, é o membro mais novinho de uma família que desde há muitos anos se comprometeu e envolveu nesta paróquia. Consequentemente, não é por acaso que os seus padrinhos são os seus tios, Raquel Esteves e João Queirós, pois a sua madrinha, de forma muito particular, tem sido, ao longo dos anos, um exemplo de dedicação, tendo em conta as limitações da sua vida pessoal, primeiro como monitora da Escola Dominical e, agora, como participante activa num dos grupos do Curso Peregrino.



Batizado de Mariana Gomes

A celebração, presidida pelo Pároco e também inserida no Culto Eucarístico deste Domingo da Expectação e da Comunhão Anglicana, foi vivida de forma bastante alegre pelos familiares e amigos da Mariana e pela comunidade presente, tendo proporcionado um momento espiritualmente muito rico e durante o qual foi visível a acção do Espírito Santo.

Por último, no que diz respeito ao “capítulo” dos baptizados, tivemos o baptizado do jovem Leonardo, no decorrer do Culto Eucarístico de 3 de Julho, dia de S. Tomé, Apóstolo, presidido pelo Bispo Emérito, D. Fernando.

O Leonardo é uma criança de 5 anos que tem a particularidade de já ter tido um intenso, ainda que curto, percurso de vida. De nacionalidade portuguesa, nasceu em Bruxelas, viveu em Barcelona e vive actualmente em Praga. Este jovem é neto do Dr. José Sanches e da Dr.ª Gabriela Soeiro, família esta com uma forte relação com a nossa igreja, desde há muito anos, e filho dos engenheiros, Daniel Sanches e Chiara Millefiori (origem italiana), tendo sido padrinhos a sua tia-avó, Dr.ª Elisete Soeiro e o Eng. Marcho Luchini, (também de origem italiana), amigo e colega dos pais.



Batizado de Leonardo

Neste entretanto de baptizados, ocorreram, ainda no mês de Maio, a admissão à Eucaristia e a Confirmação de vários jovens da nossa paróquia.

A data escolhida para a consumação destes compromissos foi o Domingo da Trindade, 22 de Maio, no decorrer do Culto Eucarístico, o qual foi presidido pelo nosso Bispo Diocesano, D. Jorge, que completou nesse dia o seu 50.º aniversário, tendo a comunidade aproveitado para lhe oferecer uma pequena lembrança comemorativa desta data tão especial.

As jovens que foram admitidas à Eucaristia são: a Inês Cunha, a Bárbara Martins e a Beatriz Martins, que foram preparadas, de forma mais particular nos últimos dois anos, pela Coadjutora da Paróquia, a Diácona Isabel Silva.



Quanto aos jovens que foram confirmados, a Mariana Cunha e Diogo Fernandes, fizeram o seu percurso de preparação, mais recente, com a participação no grupo do Curso Peregrino, liderado pelo nosso Bispo Diocesano, que também envolveu jovens de outras paróquias do Arciprestado do Norte, que foram sendo Confirmados em diferentes ocasiões.



Estes cinco jovens da nossa paróquia têm feito um percurso de crescimento espiritual através da Escola Dominical e de compromisso com a Igreja, através da participação efectiva em diversas iniciativas de índole paroquial e diocesana. É importante sublinhar que estes jovens descendem de famílias com várias gerações, de há muitos anos, comprometidas com a nossa igreja, sendo que as meninas são bisnetas de duas nossas irmãs, já com Deus, que foram durante décadas um esteio e um exemplo para os membros desta comunidade, a D. Conceição Pinto e a D. Lucília Fernandes.

Foi uma cerimónia muito participada e alegre, com o Templo cheio de crentes, entre os quais, pais, padrinhos, familiares e amigos dos jovens em causa, para além dos membros da paróquia que não deixaram de marcar presença. Destacamos a comparência de Mariana e Catarina Sá Couto e do Pedro Correia, que, juntamente com os que foram Confirmados neste dia, fizeram o percurso de preparação já referido.

Por tudo isto temos que dar graças a Deus, na certeza que a nossa responsabilidade aumenta, a cada dia, pelo muito trabalho de discipulado que ainda há a fazer!

Pedro Fernandes



Retiro espiritual

No contexto do plano de atividades da Paróquia do Redentor, realizou-se de 3 a 5 de agosto um retiro no Mosteiro de Bande (Paços de Ferreira) das Monjas Carmelitas descalças. Pelo punho de Catarina Pratas, aqui fica parte do testemunho sobre o tempo vivido em retiro, extraído do texto escrito para o boletim Paroquial «O Renovar»:

«A chegada ao Redentor foi cuidadosamente preparada com oração e em caminhos mais ou menos velozes pudemos chegar ao Mosteiro cheios de expectativas. O que iríamos experienciar? Receção extremamente meiga de uma Irmã que nos recebeu à entrada da sua morada e nos encaminhou para uma sala onde viríamos a conhecer a Irmã Vera. Que imagem com que ficámos: sorriso nos lábios, sorriso nos olhos. Tanta hospitalidade transmitida! Sentou-se à mesa connosco e de uma forma clara e sucinta explicou-nos como iriam decorrer os serviços, ou melhor, a vida diária no Mosteiro. Com toda a sua humildade pediu desculpa por não poder participar nos nossos encontros nesse mesmo dia. Tocou-me a sua humildade. Começávamos a sentir-nos envolvidos na espiritualidade daquele sítio, daquelas pessoas...

Nos momentos seguintes viríamos a conhecer o casal zelador da hospedaria. A senhora que nos encaminhou aos aposentos falou-nos como se da sua família se tratasse. Ria-se. Ria-se muito. Sentimos nestas pessoas a felicidade, a tranquilidade, o amor ao próximo, a entrega a Deus. Sentimos a Missão.

Vi que a transformação é possível, senti a Harmonia da Criação. A harmonia ouve-se, sente-se. O repençar dos sinos dialogando com os pássaros é mágico. Na nossa estreia na Liturgia das 12h surpreendeu-nos a envolvimento das monjas no dialogar com Deus, no dialogar connosco através dos Cânticos. O encanto da acústica do Templo permitiu que me sentisse como se dela fizesse parte. Passei muito tempo a observá-las e a contemplar todo o seu amor e dedicação na partilha daquele momento de oração.

Recordo a palavra minimalista utilizada pela Irmã Vera quando se referia à hospedaria, ao físico, mas a verdade é que o importante nunca nos faltou: amor, carinho, atenção, boa disposição, momentos de enriquecimento espiritual. Orámos e orámos muito. Nunca nos faltou nada. Ouvimos os pássaros, ouvimos o silêncio, pudemos meditar, pudemos ouvir o outro. Pude libertar as minhas emoções e sentir mesmo a presença de Deus tão pertinho de nós.

Último dia e não queríamos ir embora.»

Catarina Pratas



70 anos da Paróquia São Tomé em Castanheira do Ribatejo

No passado dia 20 de junho, a paróquia de S. Tomé completou 70 anos de existência, efeméride comemorada no culto de domingo, dia 26 de junho, com a presença do Bispo diocesano D. José Jorge Pina Cabral. Foi um tempo celebrativo realizado com uma bela vivência da presença de Deus, que nos ajudou a agradecer o passado e olhar em frente com confiança. Depois do culto seguiu-se um almoço de convívio e confraternização com alguns irmãos da paróquia juntamente com o Bispo e a sua esposa.

A origem da comunidade de S. Tomé

A atual paróquia S. Tomé teve a sua origem no trabalho de evangelização de um grupo de cristãos de onde se destacam José Ilídio Freire, Luís César Rodrigues Pereira, Joaquim da Silva Ribeiro, Ramiro dos Santos, entre outros, que na década de 40 do século XX, desenvolveram uma intensa atividade missionária na região do Ribatejo. José Ilídio Freire criou a primeira comunidade evangélica em Vila Franca de Xira no ano 1929, tendo-se lhe juntado mais tarde, a partir dos finais dos anos 30, Luís Pereira, mais tarde médico e Bispo da Igreja Lusitana. José Ilídio Freire terá entregue a liderança da Igreja Evangélica de Vila Franca de Xira, ao Dr. Luís Pereira já a partir de 1944. Neste mesmo ano dá-se início o trabalho evangélico em Castanheira de Ribatejo, liderado pelo Dr. Luís Pereira com a coadjuvação de Ramiro dos Santos, responsável da escola dominical, e de Joaquim Ribeiro. Ramiro dos Santos veio a falecer pouco tempo depois, ficando a escola sob a responsabilidade de Joaquim Ribeiro, que aí estabelece residência com a sua esposa D. Gertrudes da Conceição Ribeiro. A comunidade congregava à época numa casa situada num pequeno pátio na rua Palha Blanco, tendo sido inaugurado o primeiro templo no nº 64 da mesma rua, a 20 de junho do ano de 1946. O trabalho de evangelização expandiu-se a outras zonas do Ribatejo (Carregado e Salvaterra de Magos).

Nas duas primeiras décadas, o trabalho foi-se desenvolvendo e crescendo com o contributo de vários servos de Deus sob a orientação do então presbítero e mais tarde

Bispo D. Luís Pereira, que apelidava esta congregação de seu “pequeno rebanho”.

A comunidade de S. Tomé manteve o estatuto de missão da paróquia de S. Mateus, Vila Franca de Xira, até 1970, ano em que se tornaria numa paróquia autónoma. Durante muitos anos a paróquia não teve pastor próprio, sendo esta liderada por Joaquim Ribeiro, ainda leigo da comunidade, dada a sua forte determinação e experiência evangelizadora, adquirida ao longo dos tempos. Em dezembro de 1980, Joaquim Ribeiro é ordenado diácono pelo Bispo resignatário, D. Luís Pereira e, em novembro de 1986, ordenado presbítero pelo Bispo D. Fernando da Luz Soares. Entretanto, em abril de 1987 a paróquia inauguraria no mesmo lugar um templo mais moderno e amplo, com dois pisos superiores. Em abril de 1989, o Rev. Joaquim Ribeiro viria a ser colado, como o seu primeiro pastor, onde serviu até à sua resignação em abril de 2001.

Atualmente a paróquia de S. Tomé é liderada pela presbítera Elizabeth Sena. A comunidade conta ainda com o apoio de 3 leitores (Sérgio Paulo Cabaço, Laudelina Camilo e Paulo Marcos Ferreira), sem esquecer outros irmãos, que todos em conjunto, trazem à comunidade uma forte vivência familiar e espiritual muito peculiar, não esquecendo as suas raízes, os seus fundadores, a sua história, dando continuidade a esse legado, abraçando o presente, valorizando dessa forma o espírito anglicano da diversidade na unidade, no seio da Igreja Lusitana.



Sérgio Paulo Cabaço

REFERÊNCIAS

(ILCAE 2016) *Paróquias. Site Oficial da Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica.* <http://www.igreja-lusitana.org/> (visitado em 8 de julho 2008).

(Marcos, 2008) Adérito Fernandes Marcos. *Existe um legado do movimento de Irmãos na vivência de Fé da comunidade de S. Tomé? Artigo elaborado no âmbito do curso Introdução à Eclesiologia Anglicana. Instituto Anglicano de Estudos Teológicos. Outubro 2008.*

(Ribeiro, 1999) Por Joaquim Ribeiro. *80 Anos de Testemunho Cristão. Entrevista ao Rev. Joaquim Ribeiro. In revista “A Mensagem” n.º 62 - Ano XVI (junho 1999). Boletim da Paróquia de São Tomé – Igreja Lusitana, Castanheira do Ribatejo.*



Paróquia da Sagrada Família

O dia 3 de Julho, 14º Domingo Comum, foi escolhido para a comunidade paroquial da Sagrada Família celebrar o encerramento do ano Pastoral 2015/2016.

Foi com o templo repleto, com mais de uma centena de pessoas, que a Eucaristia presidida pelo Pároco e acolitado pelo Coadjutor se tornou num tempo de bênção para todos quantos dela participaram.

Ao longo do ano com a preciosa colaboração da catequista Glória Afonso, quatro crianças foram pre-

parando-se para receberem o Santo Baptismo e cinco crianças para serem admitidas à Santa Eucaristia.

Encerrar a nossa caminhada pastoral com tantos momentos da manifestação concreta do amor de Deus para com cada uma destas crianças, encheu os nossos corações de uma alegria indescritível.

Uma comunidade profundamente agradecida e feliz é a melhor descrição para descrever tudo quanto foi vivenciado naquela manhã.



Paróquia de S. Mateus

A Sara e o Diogo Costa foram no passado domingo 10 de Julho o centro das orações e preces da comunidade Paroquial de S. Mateus.

Nessa manhã de domingo, com a presença do nosso Pastor Diocesano, o Bispo D. Jorge, foi celebrada a eucaristia dominical e administrado o rito sacramental da Confirmação aos nossos irmãos Sara e Diogo.

Ao longo do ano com a ajuda preciosa do Curso Peregrino, estes nossos jovens foram preparando-se para viver de forma consciente este momento tão importante da sua caminhada de fé.

A presença do nosso Bispo diocesano assim como os ensinamentos que dirigiu à comunidade, foram para todos motivo de esperança e de motivação na construção do Reino, desafiando cada um a assumir a sua condição de discípulos de Cristo.

Estiveram entre nós tres jovens do Arciprestado do Norte conferindo ainda mais a este momento a dimensão familiar e diocesana da igreja Lusitana. Durante a tarde, e na casa de um membro da comunidade, seguiu-se um convívio fraterno onde à volta da mesa pudemos continuar a celebrar a alegria de quem procura a cada dia viver com o coração aberto às bênçãos e ao amor de Deus.



115 anos de missão da Paróquia do Salvador do Mundo

A Junta da Paróquia do Salvador do Mundo (Prado) em Vila Nova de Gaia, por ocasião da comemoração do 115º aniversário, promoveu nos dias 14 e 15 de Maio de 2016, um conjunto de iniciativas com o objetivo de fazer memória do passado e reforçar com inovação a missão do presente.

O programa iniciou-se no Sábado dia 14, da parte da tarde, à entrada do Templo da Paróquia, e ao som dos bombos, da parada, executada pelos mareantes do Rio Douro. Cerca de centena e meia de pessoas dirigiram-se depois para o interior da Igreja, tendo o Pároco, Reverendo Sérgio Alves, saudado todas as pessoas. Destaque para a presença no plano civil do Presidente da Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, Doutor Eduardo Vitor Rodrigues, do Vereador da Cultura, Dr Delfim de Sousa, do Presidente da Assembleia Municipal de Gaia, Dr. Albino Almeida, do Diretor da Torre do Tombo, Dr Silvestre Lacerda, e da Diretora do Arquivo Municipal de Gaia, Drª Alda Temudo entre outros representantes de Instituições. No plano eclesial destacamos a presença do Bispo Diocesano da Igreja Lusitana D. Jorge Pina Cabral e o Bispo Emérito D. Fernando Soares entre outros representantes de Igrejas com as quais existe vivência ecuménica.

O Pároco, na palavra dirigida referiu que: “(...) a Igreja do Prado, traz junto a si a imagem de uma ponte, a ponte do arco do prado. Nos campos férteis do prado nasceu uma Igreja Escola pela mão do Reverendo Diogo Cassels. Esta imagem inspira-nos muito, pois hoje, queremos ser sinal vivo e ativo capaz de tocar com misericórdia todas as pessoas, particularmente os pobres e mais necessitados, criar pontes de diálogo e aproximação entre a fé e a cultura, com as Igrejas nossas Irmãs de sensibilidade ecuménica, com as coletividades vizinhas, com as entidades públicas que administram e governam em prol do bem do povo, com espírito de parceria, de mãos que são capazes de trabalhar e edificar juntas, e de visões que inspirem a unidade na diversidade que liguem as margens, tal como a ponte, procurando fazer o bem à comunidade e como dizia e fazia Diogo Cassels, tornar o amor de Deus sensível no meio das realidades mais difíceis, incrédulas, sem esperança, sem confiança e exigentes”.

Após a saudação, teve lugar a atuação do orfeão da Madalena, que orientado pela maestrina Lígia Castro, apresentou um belíssimo repertório de músicas de diversos estilos, que se ajustaram muito bem ao espírito e sentido do aniversário paroquial. Após esta execução musical, realizou-se uma conferência subordinada ao tema : «Evocação histórica dos 115 anos da Igreja e Escola do Prado» que teve como oradores ; Dr António Manuel Silva, Dr. Moreno Afonso e Drª Alexandra Vidal. A conferência foi seguida de um animado diálogo entre todos os participantes entre eles antigos alunos da Escola Primária do Prado.

No Domingo, 15 de Maio, Festa de Pentecostes, teve lugar a Eucaristia também de Ação de Graças pelo aniversário da Igreja à qual assistiram elevado número de fiéis e representantes institucionais. No final a comunidade cantou com alegria os parabéns à Paróquia desejando que o Espírito Santo continue a “soprar” sobre esta Paróquia para que seja um sinal vivo do testemunho do Amor de Deus.



Livro «A Igreja e a Escola do Prado»

A parceria com o Arquivo Histórico da Igreja Lusitana, permitiu a edição do livro “A Igreja e a Escola do Prado - cento e quinze anos de instrução e testemunho cristão em coimbrões, vila nova de gaia”.

É um livro a cores, com 24 páginas, que percorre a história desde a construção da Capela-Escola do Prado

à Paróquia do Salvador do Mundo, um aprofundamento da história do Esforço Cristão, uma evocação de Diogo Cassels e da família Nogueira, uma crónica sobre a Escola do Prado e uma parte da atualidade dedicada ao Centro Social do Salvador do Mundo (AETP) e ao presente da Paróquia.

O livro, tendo em conta o seu interesse histórico e valor cultural contou também com o importante apoio da Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia. Pode ser adquirido diretamente na Paróquia, para o telefone 223754018 ou mediante email: salvadordomundo@igreja-lusitana.org.

Simultaneamente, foi inaugurada uma exposição no salão Paroquial com 6 rollup's que apresentam diversos registos, materiais e curiosidades, quer da Igreja, quer da Paróquia ao longo dos 115 anos.

A exposição pode ser visitada ou apresentada noutra lugar mediante planeamento com a Junta Paroquial.



Confirmação de Pedro Correia

No Domingo, 3 de Julho, o Bispo D. Jorge procedeu à Confirmação do jovem Pedro Correia. A comunidade da Paróquia do Salvador do Mundo, viveu este momento com muita felicidade, por ver um filho seu confirmar a sua fé em Jesus Cristo e fazer votos de militância na Igreja.

O Pedro tem 22 anos e faz parte da família Correia, uma família antiga da Paróquia e muita dedicada ao trabalho da Igreja.

Muitos membros da família estiveram presentes em sinal de compromisso eclesial e de incentivo ao crescimento espiritual do seu jovem familiar.

Nesta celebração estiveram também presentes jovens de outras paróquias do arcebispoado norte que juntamente com o Pedro fizeram ao longo de meses um caminho de preparação catecumenal orientado pelo Bispo diocesano.

O Pedro participa ativamente nas atividades juvenis, nomeadamente no Campo de Férias e tem frequentado o curso O Peregrino.



Fortalecidas para o serviço a Cristo

No passado dia 15 de Maio, Domingo de Pentecostes, Festa do Espírito Santo, e seguindo uma tradição antiga, realizou-se na Paróquia de S. João Evangelista, a Confirmação das jovens Catarina Ferreira e Mariana Sá Couto. A cerimónia de administração do rito sacramental da Confirmação, foi presidida pelo Bispo diocesano, D. Jorge, que confirmou as jovens com o Espírito Santo e as fortaleceu para o serviço e testemunho de Jesus Cristo. Ambas são membros da paróquia de S. João Evangelista, estão comprometidas com o trabalho de Missão da Igreja Lusitana, mormente o trabalho com as crianças e jovens e envolvidas ainda no trabalho de missão além-fronteiras através da organização de voluntariado cristão «Gas' Africa». A Catarina e a Mariana realizaram um percurso de preparação catecumenal através do curso de caminhada cristã – O Peregrino.

A comunidade de S. João Evangelista bem como muitos familiares e amigos estiveram presentes congratulando-se todos por mais este passo de crescimento e compromisso de fé por parte da Catarina e da Mariana. A ambas o bispo diocesano ofertou um livro de liturgia propiciador de um aprofundar da vida espiritual e de fé de cada uma.



Jovens são admitidos ao sacramento da Eucaristia

Após um tempo de preparação específica e concluindo uma primeira fase da vivência e formação da Escola Dominical na paróquia de S. João Evangelista, os jovens Ana Rita Fernandes de Sá, Marta de Oliveira Massa e Pedro Pestana Vasconcelos do Santos Silva foram admitidos à recepção do sacramento da Eucaristia, no decorrer da celebração dominical do IX Domingo do Tempo Comum, a 29 de Maio passado. Foi com natural emoção e alegria, que, no contexto da comunidade reunida, os jovens acolheram as espécies consagradas do pão e do vinho, corpo e sangue de Cristo. Presentes muitos familiares e membros da comunidade que uma vez mais manifestaram a sua disponibilidade para os continuar a apoiar no seu crescimento de fé e na sua vivência em Igreja.



Mais de 70 crianças e jovens participaram no Campo de Férias

Ano após ano, a Igreja Lusitana promove o Campo de Férias para crianças e jovens devidamente certificado pelo IPDJ – Instituto Português do Desporto e Juventude.

Este ano, o Grupo Organizador da XXVII Edição, decidiu, e bem, separar os dois grupos etários em datas diferentes! A aposta foi ganha, pelo chamamento de novos monitores e a natural renovação das estruturas e também pela inclusão de novos participantes e atividades inovadoras.

O Campo teve lugar nas renovadas instalações da ACM – Associação Cristã da Mocidade, em Foz do Arouce, Lousã.

“**Tudo o que Deus criou é bom**” foi o lema, extraído da passagem bíblica da Primeira Epístola de S. Paulo a Timóteo, capítulo 4, versículo 4. O aprofundamento do tema pelos monitores, nas diversas reuniões preparatórias, os estudos bíblicos, diariamente vividos no Campo, a todos ajudaram a tomar consciência do importante papel que temos como Filhos de Deus e a confiança que Ele em nós deposita para sermos bons e ativos cuidadores da Sua Criação, a partir do pormenor que está ao nosso alcance, como, por exemplo, a reciclagem.

Os recursos temáticos foram traduzidos e adaptados, à luz duma partilha fraterna com a Sociedade Anglicana de África do Sul “Green Anglicans” que procura estimular uma reflexão e mudança comportamental mais “verde” por parte dos cristãos anglicanos.

O Campo do I Grupo realizou-se de 24 a 31 de Julho e contou com a participação de 27 crianças e 8 monitores, com idades compreendidas entre os 6 e os 11 anos. O Campo do II Grupo teve lugar de 31 de Julho a 7 de Agosto com a presença de 29 participantes e 7 monitores. De referir que 3 dos participantes eram jovens da Diocese Anglicana de Brasília que com a sua presença enriqueceram toda a vivência do Campo de Férias.

Diariamente o acordar era às 8h30, o despertar com alegria às 8h50, pequeno-almoço às 9h00 seguido de um tempo de arrumações. Os estudos bíblicos decorriam entre as 10h30 e as 11h30, a que se seguia um tempo de atividades diversas: praia fluvial, desporto até às 13h00, hora do almoço. Entre as 14 e as 15h, observava-se um tempo de descanso. Entre as 17h30 e as 19h00 o tempo era preenchido com atividades até ao jantar, servido às 19h45. O convívio da noite, decorria entre as 21h e as 22h30 e acabava com o Pai Nosso e abraço da Paz.

Todos eram diariamente envolvidos em atividades de entreaajuda, companheirismo e aprendizagem da Palavra de Deus que alimenta a Fé em Nosso Senhor Jesus Cristo. Nos 2 Grupos realizaram-se os Dias da Família. As Celebrações Eucarísticas, ponto alto do Campo, presididas pelo Bispo D. Jorge foram muito vividas e participadas pelos acampantes e dezenas de familiares e amigos que aproveitaram o dia para dar uns mergulhos no rio Arouce que passa junto à Colónia.

Para a Marina Magnant, de 16 anos, que participou pela primeira vez, o Campo “foi uma Bênção pelas amizades, pelo Espírito criado entre todos e pela descoberta da Fé, com uma imagem acessível, divertida e muito desafiadora para o dia-a-dia.” Refere que “o desejo de ser discípula de Jesus” vai acompanhá-la todos os dias.

Já a Inês Coelho, com 13 anos, que participa pela segunda-vez no Campo, referiu que este ano “foi mais espiritual, com acampantes com mais idade. O dia começava com a escuta e reflexão do Evangelho do dia antes do pequeno almoço e com muitos exemplos práticos de cuidado para com a Criação de Deus”.

O Espírito Santo acompanhou o Campo, por isso, graças sejam dadas a Deus, pelas maravilhas do seu amor e pelo apoio tão presente de tantos amigos, Paróquias e a organização missionária CMS – Church Mission Society.

Tudo o que com amor foi lançado no coração das crianças e jovens certamente dará bom fruto e mostrará novos discípulos.



A nossa Oliveira

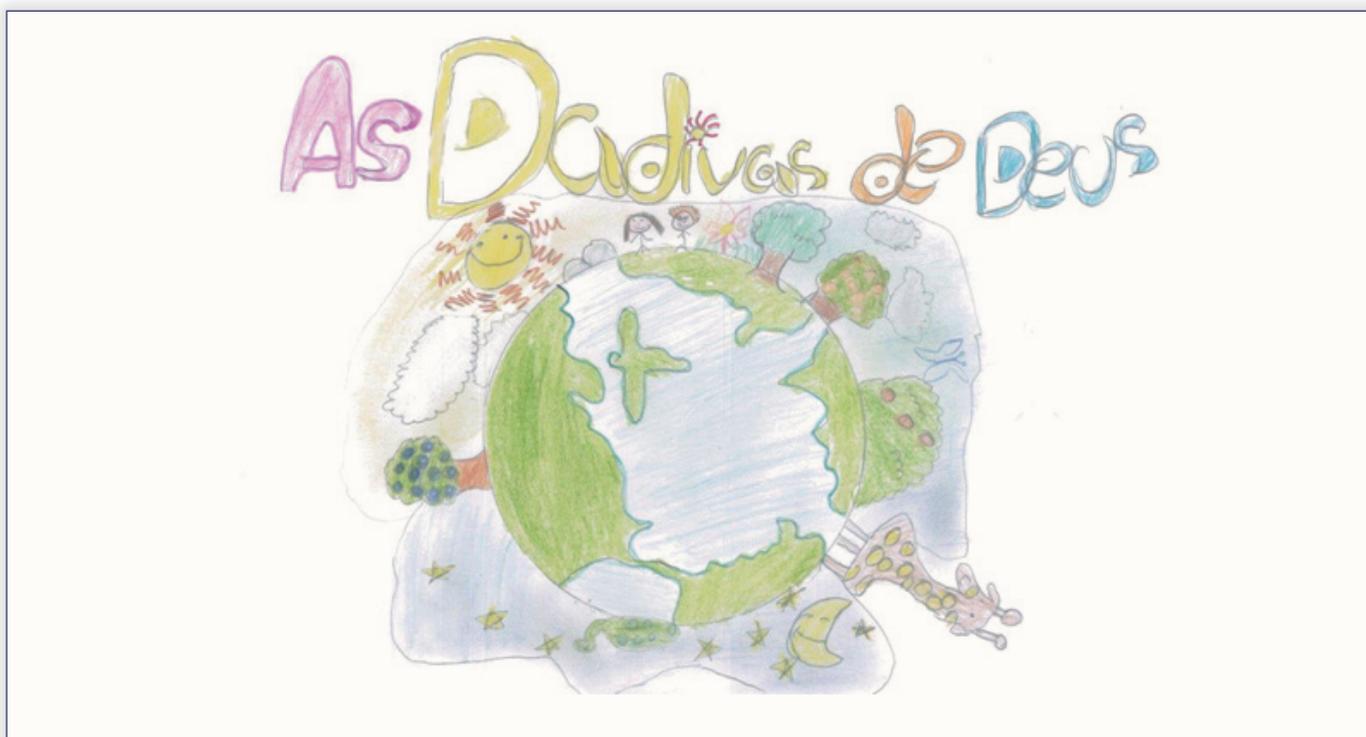
2º grupo do CF da Igreja Lusitana (07-08-2016)

Pequena e frágil Oliveira que foste plantada num solo duro sob o sol escaldante. As Mãos uniram-se e abriram cuidadosamente as tuas pequenas raízes, Pela força da Vida, abrirás brechas no duro solo e crescerás e darás flor, fruto, sombra, madeira e azeite!

Também nós, precisamos de cuidados, de estender as nossas raízes na Fé em Jesus Cristo para podermos crescer no dom da vida que Deus por amor nos dá.



Foz de Arouce, ACM de Coimbra, 7 de Agosto de 2016



Desenho vencedor do Concurso

Ânia Vitorino Domingues, 12 anos, Paróquia do Salvador do Mundo (Prado).

Testemunhos de uma vivência de companheirismo

No contexto do companheirismo entre a Igreja Lusitana e a diocese Anglicana de Brasília, três jovens brasileiras estiveram entre nós, participando dos Campos de Férias de Verão, conhecendo a diocese e permanecendo uma semana na comunidade de Taizé em França. Foi um tempo abençoado de companheirismo que se tornou possível graças ao apoio financeiro nas viagens e estadia, por parte da sociedade missionária Inglesa USPG.



“Há momentos na vida, que nos deparamos com o sobrenatural, onde não sabemos explicar, apenas sentir, o novo que nos transforma e nos capacita para vivenciar novas experiências. Essas experiências vividas ao longo dos dias em Portugal, com os irmãos Lusitanos, a espiritualidade única vivida em Taizé, marcou para sempre a minha vida. Um novo olhar espiritual renasce. Ouvi uma frase sobre Taizé que dizia assim: “Taizé não se explica se sente”. Facto!! Realmente não se explica. É uma explosão de sentimentos dentro de um coração só. Agradeço o imenso carinho e atenção que os irmãos Lusitanos tiveram conosco. Podem ter a certeza que voltarei para o Brasil com a mala cheia. Cheia de novas experiências, vividas ao longo dessa jornada, que compartilharei com os irmãos brasileiros, dando o meu testemunho de fé.

A graça do nosso Senhor Jesus Cristo que nos permite sermos transformados pelo seu Espírito Santo esteja com todos nós. Amém!!” **Daiane Martins**



"Em primeiro lugar agradeço a Deus e a todas as pessoas envolvidas nesta caminhada de companheirismo entre as Dioceses de Portugal e Brasília (Brasil).

Estou muito grata por tudo o que vivi neste período de partilha e testemunho... Confesso que senti o chamado de Deus, e que em todo o tempo vivido Ele esteve perto de mim. A cada trecho bíblico eu tinha a certeza que a minha fé estava se renovando mais e mais Me lembro que antes de sair do Brasil, o Bispo Mauricio deu sua benção dizendo... –“Assim como Deus me enviou, eu também envio vocês” “João 20-21. Neste momento senti que me foi entregue a responsabilidade de partilhar a vida cristã.

Descobri um novo sentido para a minha vida quando percebi que “tudo que Deus criou é bom”, e melhor ainda é vivermos unidos em comunhão com Cristo.

Recebi paz interior e fortalecimento espiritual, um sentimento de amor e louvor a Deus crescia diariamente. O poder da Oração fez com que eu me esquecesse do mundo lá fora.... Esqueci coisas que eu julgava ser importantes e que se perderam no tempo... Coisas que fui desapegando através do silêncio. Até mesmo minhas profundas mágoas foram-se dissolvendo através de lágrimas, e bem lá no fundo do coração um alívio profundo percorria o meu ser. Nunca imaginei sentir o poder do Espírito Santo agindo sobre mim de forma tão gratificante.

Taizé não se explica, se vive... e eu vivi este momento aproveitando cada minuto como se fosse o único.” - **Sueli Santana**



“Poder partilhar este tempo com os irmãos e irmãs da Igreja Lusitana, foi uma grande alegria e uma benção. E, mais uma vez, pude confirmar que a Comunhão Anglicana é uma grande família. O carinho, a atenção e acolhida que recebemos em todas as comunidades nos fez sentir como se já fôssemos “de casa”. A fé que nos une é muito mais forte que as diferenças culturais e o oceano que nos separa.

Participar do Campo de Férias, foi uma oportunidade maravilhosa. Estar mais perto dos jovens e perceber que os desafios e sonhos são os mesmos que os jovens do Brasil têm, nos aproxima ainda mais. Conhecer as diversas comunidades diocesanas, seus membros e partilhar um pouco de suas vidas, fortalece nossa fé. Nos reconhecemos nas comunidades, nos desafios e conquistas... nos sentimos parte das comunidades. Traze-mos em nosso coração e pensamento, nomes e rostos, por quem iremos orar e lembrar sempre com muito carinho.

Muito obrigada a todas as pessoas que dedicaram um pouco do seu tempo, abriram casas e comunidades para nos receber e partilhar conosco um pouco de suas vidas. Muito obrigada! Vocês marcaram nossas vidas e nos deram um grande testemunho de fé e dedicação à construção do Reino de Deus!

Ah.. e Taizé?! Taizé não se explica, se vive!”. - **Revd. Tatiana Ribeiro**



IGREJA: COMUNIDADE DE DISCÍPULOS QUE FAZ DISCÍPULOS E GLORIFICA A DEUS

foi o lema do Sínodo Diocesano que reuniu em Junho



96º SÍNODO DIOCESANO IGREJA LUSITANA



A paróquia do Bom Pastor, em Vila Nova de Gaia, acolheu nos dias 9 a 11 de Junho o 96º Sínodo Diocesano. Perto de três dezenas de clérigos e leigos representaram todas as comunidades da Igreja Lusitana e as diversas estruturas diocesanas e trabalhos sociais da Igreja, estando ainda presentes o bispo emérito D. Fernando Soares e diversos convidados de outras igrejas e instituições internacionais.

A primeira sessão teve lugar na noite do dia 9, após o serviço eucarístico de abertura. Os trabalhos foram moderados pelo bispo D. Jorge Pina Cabral, na sua qualidade canónica de presidente do sínodo, tendo sido eleito como secretário o leigo Richard Domingues, membro da paróquia do Salvador do Mundo.

Da agenda constaram, entre outros assuntos, a apreciação dos relatórios de atividades diocesanas e dos arceprestados e dos diferentes departamentos, como o Departamento de Mulheres, o Instituto Anglicano de Estudos Teológicos ou o Arquivo Histórico Diocesano, para além das instituições particulares de solidariedade social da Igreja.

Em pontos próprios da agenda mereceram atenção particular algumas questões, como a da Rede Lusófona da Comunhão Anglicana, reconhecida pelo Conselho Consultivo Anglicano em Setembro de 2015 e atualmente coordenada pelo bispo lusitano D. Jorge Pina Cabral, uma rede de províncias e dioceses anglicanas de língua portuguesa que abrange 350 000 pessoas e da qual se espera um forte incentivo à partilha de recursos e à afirmação das vozes lusófonas no mundo anglicano.

Também as questões de juventude foram objeto de atenta reflexão, suscitada por um documento elaborado pelo Grupo de Trabalho Jovem que elencava as diferentes áreas de atuação dos jovens na IL e nos círculos anglicanos, ecuménicos e inter-religiosos e pro-

punha a criação de um secretariado juvenil diocesano, proposta que foi aprovada.

A comunicação e formação na Igreja Lusitana foi tema de outro ponto da agenda, considerando-se, no geral, que tratando-se de áreas nucleares da missão e ação corrente da Igreja deverão merecer uma abordagem mais sistemática e profissional, devendo agora o assunto prosseguir em discussão nas comissões permanente e executiva da Igreja.

Para além de eleições para os diferentes cargos, foi também aprovada em plenário a habitual mensagem final e saudação do sínodo, posteriormente divulgada nas paróquias e à comunicação social.

Naquela mensagem, recordava-se que tendo o sínodo “decorrido durante o feriado de 10 de Junho, dia em que Portugal celebra o sentido da sua nacionalidade, seja no espaço das suas fronteiras históricas, seja na dimensão alargada da diáspora das comunidades portuguesas no mundo, foi significativa a evocação do compromisso assumido, através do COPIC, com a Plataforma de Apoio aos Refugiados. Testemunhando o amor de Cristo entre um povo que a história habituou a ter de partir em várias ocasiões, como sucede nos últimos anos em consequência da crise económica e da falta de emprego, a Igreja Lusitana sente como dever de amor participar no acolhimento fraterno àquelas a quem a guerra, a insegurança ou a fome expulsam também dos seus países”.

Expressar o amor de Deus pelo serviço ao próximo

As instituições particulares de solidariedade ligadas à IL prosseguem a sua ação de apoio aos mais frágeis e necessitados como expressão do amor de Deus e serviço ao próximo. Em Vila Nova de Gaia a Associação das Escolas do Torne e do Prado, que recentemente celebrou os seus 25 anos, mantém com grande dinâmica e lotação esgotada a creche e jardim de infância, enquanto o Centro Comunitário, distribuído por dois pólos, serve mais de 24.000 refeições por ano, prestando ainda serviços de lavandaria, transporte, acompanhamento social e outros. Entre outras ações da AETP contam-se os protocolos do Rendimento Social de Inserção, o programa Emprego Inserção+, o programa Ser+Pessoa e, desde o último ano, o projeto Pés no Risco, para apoio a crianças do ensino básico com dificuldades de aprendizagem.

Em Queluz, o Centro Social da Sagrada Família mantém o Centro de Dia e Serviço de Apoio Domiciliário, com atividades diversificadas e boa afluência, enquanto as equipas RSI acompanham mais de meio milhão de famílias. Um forte programa de educação comunitária tem focado aspetos relacionados com a procura ativa de emprego, saúde, gestão financeira, educação ou a cidadania. A cantina social e os serviços de fisioterapia são outras das valências da instituição, esta última disponibilizada quer no centro de dia, quer no domicílio dos utentes.



Lema do Sínodo discutido em grupos de trabalho

Igreja: comunidade de discípulos que faz discípulos e glorifica a Deus foi o lema escolhido para a reunião sinodal, inspirado na instrução de Jesus aos discípulos na última ceia: «Se vocês derem muito fruto e mostrarem que são meus discípulos, a glória do meu Pai será manifestada» (S. João 15,8). O tema do encontro foi aprofundado pelo Bispo Diocesano, D. Jorge Pina Cabral, na sua alocução aos membros do sínodo.

Mais que um mero registo histórico, naquele texto – segundo D. Jorge – “é Jesus que hoje aqui e neste momento se nos dirige. Fala-nos como seus discípulos queridos, capazes de darem fruto de forma a que a glória de Deus Pai seja manifestada no tempo de hoje e entre os nossos contemporâneos”. Assim, o lema eleito para este sínodo quis recordar, nas palavras do bispo diocesano que “fazer novos discípulos e fortalecer a fé

deve ser algo de natural e não de excepcional no contexto da missão da Igreja diocesana e das paróquias em particular (...). Neste sentido é importante que a Igreja assuma desenvolver novos pontos de missão onde o Espírito Santo nos chamar a fazê-lo. (...)

Pontos de missão em casa de famílias, em cidades onde a Igreja Lusitana ainda não está presente, em contextos de trabalho, de ensino e de serviço carentes do anúncio do Evangelho. Leigos e clero da Igreja, juntos na sua condição de batizados, são chamados a esta missão”.

O discurso episcopal serviu também de pano de fundo a um debate no qual os participantes se distribuíram por diversos grupos de discussão para debater o assunto, apresentando depois os resultados em plenário.

Testemunhos de companheirismo e fraternidade

Foram transmitidos ao sínodo lusitano pelos diversos convidados de igrejas e organizações, nomeadamente o Rev. Francisco Alberca (representante da Convocação das Igrejas Episcopais na Europa), D. Carlos López Lozano, bispo diocesano da Igreja Espanhola Reformada Episcopal, o Pe. Domingos Oliveira, da Comissão Ecuménica do Porto, que representou o bispo do Porto D. António Francisco, D. Sifredo Teixeira, bispo da Igreja Evangélica Metodista Portuguesa e presidente do COPIC, a Dra. Silvina Queiroz, presidente da Igreja Evangélica Presbiteriana de Portugal, o Pastor Georg Welker, da Igreja Evangélica Alemã do Porto e o Dr. Miguel Jerónimo, secretário-geral da Sociedade Bíblica de Portugal.



peregrino

UM CURSO PARA A CAMINHADA CRISTÃ

Desenvolvimento do Curso Peregrino mereceu destaque no relatório do IAET e suscitou diversas apreciações e comentários por parte de vários membros do sínodo. O coordenador do IAET, António Manuel Silva, sintetizou o trabalho realizado desde a decisão de traduzir e utilizar na Igreja Lusitana aquele recurso da Igreja de Inglaterra, em 2014. Já em 2015 foram feitas ações de sensibilização/formação para eventuais líderes ou monitores de grupos, em ambos os arceprestados, depois replicadas com as juntas de algumas paróquias.

Entretanto, traduziram-se também os vídeos promocionais, adaptaram-se os materiais gráficos para divulgação e recolheram-se recursos bibliográficos. Ao mesmo tempo criou-se uma página de grupo no Facebook e, já em 2016, foram endereçadas cartas ao clero, juntas paroquiais e monitores dos grupos, disponibilizando apoio e motivando as comunidades ao mais amplo envolvimento.

O trabalho de edição dos livros do curso permitiu já publicar três livros, além do Guia do Líder. Importa no-

tar que todo este trabalho tem envolvido uma equipa de cerca de uma dezena de pessoas. Desde Novembro de 2015 foram já iniciados 14 grupos Peregrino, envolvendo cerca de 125 participantes, incluindo monitores. Nove grupos funcionam no Arciprestado do Norte (paróquias do Salvador do Mundo, São João Evangelista e Redentor, dois a nível de arceprestado, para jovens e mulheres, e outro no Centro Social do Bom Pastor); no sul há por enquanto cinco grupos, nas paróquias da Sagrada Família, São Mateus e São Tomé.

Os grupos têm normalmente entre cinco e uma dezena de participantes, envolvendo adolescentes e jovens, homens e mulheres, pessoas mais novas ou idosas, sendo que uma parte dessas pessoas não são membros da Igreja Lusitana. Reúnem normalmente em espaços paroquiais, não necessariamente nos templos ou salões, em diferentes dias da semana e com periodicidade variável. O Curso Peregrino tem também suscitado interesse por parte de alguns pastores de outras igrejas e também, mais recentemente, de responsáveis da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil.



O ND quis ouvir dois dos convidados ao sínodo que vieram de mais longe. O pastor Odair Pedroso Mateus, brasileiro, representou no sínodo o Conselho Mundial de Igrejas, com sede em Genebra; Rachel Parry é responsável para as relações internacionais da USPG (United Society Partners in the Gospel), uma sociedade missionária inglesa fundada em 1701 e com atividade em numerosos países do mundo.

ND – Pastor Odair, como é que de Genebra se vê uma igreja pequena, periférica, como a Igreja Lusitana?

O. M. – Para o Conselho Mundial de Igrejas não existe igreja periférica, e as igrejas não são julgadas pelo tamanho que elas têm ou pelo número de membros ou pelos recursos financeiros. Logo, a Igreja Lusitana não é uma igreja periférica, é uma igreja que dentro da Comunhão Anglicana procurar dar testemunho do Evangelho em Portugal. Eu atribuo um valor muito grande à IL porque a IL tenta conciliar duas dimensões do cristianismo ocidental que se separaram: a preocupação com o Evangelho, que levou ao protestantismo, e a ordem católica da igreja, mantida pela IL. A IL procura manter juntas duas coisas que se separaram. Ao procurar manter juntas estas duas coisas, a IL naturalmente é uma igreja ecuménica, que presta um grande serviço ao ecumenismo.

ND – E a lusofonia, pode ser um valor dentro do CMI?

O. M. - Sem dúvida. A unidade da igreja e a unidade humana não estão baseadas na ideia de suprimir as diversidades, mas de reconciliar as diversidades. A ideia ecuménica é uma ideia como o Pentecostes. No dia de Pentecostes, as pessoas não falavam uma nova língua, as pessoas entendiam as outras línguas... então não seria o desaparecimento de uma língua ou de língua que levaria à unidade, mas a nossa vontade de nos comunicarmos apesar da nossa diversidade e das nossas diferenças linguísticas. É muito importante então promover uma família, uma rede de igrejas lusófonas porque promovendo isso a gente não está impedindo a unidade da igreja, mas está afirmando que a unidade está na comunicação da diversidade.

ND – Rachel, esteve em Portugal há dois anos e certamente desde então tem vindo a conhecer melhor a IL. Que aspetos particulares, ou mais inspiradores, tem visto no nosso trabalho?

R. P. – Uma das coisas mais inspiradoras dos últimos dois anos foi ver o modo como a Igreja Lusitana se tem relacionado com as outras igrejas lusófonas no Brasil, em Moçambique e em Angola, e esse desejo de sair e aprender com a partilha de outras igrejas anglicanas é muito inspirador para mim.

ND – Estamos a ultrapassar as nossas fronteiras...

R. P. – Sim, em absoluto, e eu penso que vós estais a olhar para longe e a procurar partilhar, bem como a receber de outras igrejas, o que é realmente entusiasmante.

ND – Então, mesmo uma igreja pequena e com limitações como a nossa pode inspirar o trabalho da vossa Sociedade, que tem um trabalho tão grande e importante em todo o mundo?

R. P. – Claro. E foi maravilhoso conhecer a vossa jovem Diana no Brasil, na conferência de juventude do passado mês de Setembro, em Brasília, e ver o seu envolvimento com os jovens do Brasil, Angola e Moçambique. É muito importante aprendermos uns com os outros, encontrarmo-nos e partilhar experiências, precisamos uns dos outros neste mundo louco. Independentemente das nossas igrejas serem maiores ou mais pequenas precisamos na verdade uns dos outros.

Arquivo Histórico da Igreja Lusitana

Preservar a memória da igreja como recurso de testemunho e missão

No relatório da Comissão Permanente apresentado ao sínodo, o bispo diocesano citou as palavras recentes de Stephanie Taylor, gestora da área de Conhecimento e Informação no Conselho Consultivo Anglicano, a propósito da resolução daquele Conselho para a gestão e preservação dos arquivos históricos do anglicanismo:

“os arquivos dizem-nos a história de quem somos, porque estamos aqui e o que queremos alcançar. São cruciais para o nosso sentido de identidade e um grande recurso estratégico para a missão, evangelização e renovação. Os arquivos não são apenas registos históricos mas contêm uma memória coletiva e corporativa e são um recurso vivo; uma fonte de conhecimento a ser utilizada, para o futuro e a missão.”

É precisamente com este sentido, como recordou o coordenador do Arquivo Histórico da IL, António Manuel Silva, no seu relatório ao sínodo, que se vem promovendo nos últimos anos um trabalho sistemático e profissional de tratamento, organização e inventariação dos fundos arquivísticos da Igreja, tanto a nível da Diocese como das paróquias. Antecedido por diversos esforços a nível diocesano, paroquial e mesmo por um primeiro ensaio de inventariação geral no arcepresbiterado do norte, o projeto em curso ganhou novo fôlego nos inícios de 2015, altura em que a Diocese decidiu contratar uma arquivista a tempo parcial, criando-se entretanto uma equipa de trabalho, genericamente voluntária, com especialistas de diferentes áreas.

Na verdade, a Igreja Lusitana detém um arquivo de grande interesse para o estudo da sua história e, em geral, para o estudo das minorias religiosas em Portugal. Tal documentação remonta a épocas anteriores à própria fundação da Igreja Lusitana, sendo da década de 1830 os documentos mais antigos. O Arquivo tem mais de 150 metros lineares de documentação (considerando o Arquivo Diocesano, Fundos particulares, Paróquias, IPSS ligadas à Igreja, etc.), a que poderemos juntar cerca de 30 metros de Hemeroteca e Biblioteca Histórica (coleções de jornais editados pela Igreja, obras de Autores lusitanos ou relevantes para a história da ILCAE, edições bíblicas raras, etc.).

Este acervo documental, um dos melhores do País para este tema, tem sido usado por muitos investigadores para trabalhos académicos e começam a ser frequentes pedidos de consulta e pesquisa de documentação, a que ainda não é possível dar resposta completa.

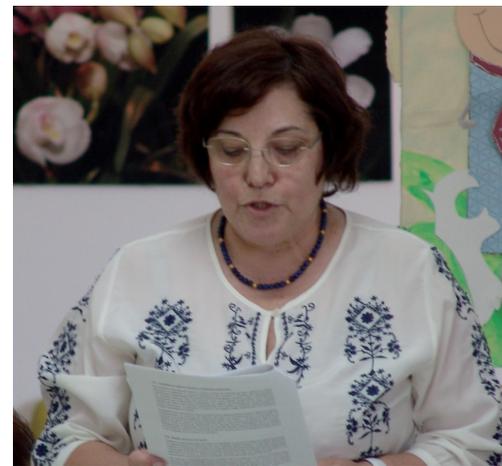
Os trabalhos em curso têm sido dirigidos sobretudo para a inventariação de documentação diversificada, de âmbito paroquial e diocesano (rondando já os 1500 registos) e digitalização de imagens e outros documentos, mas foi também feita uma intervenção de limpeza, aspiração e eliminação de fauna nociva por anorexia (ausência prolongada de oxigénio) num conjunto documental seleccionado e considerado prioritário.



(Um aspeto da página de consulta on line, a disponibilizar proximamente)

Proximamente irá iniciar-se a digitalização sistemática das mais antigas coleções de jornais da igreja e outros documentos, bem como a catalogação dos fundos bibliográficos. Todos os registos estão a ser feitos numa base de dados própria (software Atom) que se espera começar a disponibilizar através da internet brevemente.

No contexto deste trabalho é feito um apelo a todas as pessoas que possuam documentos, fotos, revistas e outros materiais suscetíveis de integrar o arquivo diocesano, que contatem o centro diocesano. Será da colaboração de todos que o arquivo histórico da Igreja Lusitana ficará mais rico.



Eleitos para servir a Deus e à Sua Igreja

Os diversos órgãos da Igreja são constituídos por membros que por inerência de funções ocupam determinados cargos e outros que são eleitos em cada Sínodo diocesano. Após a realização das respetivas eleições e tomada de posse no contexto da celebração eucarística do final do Sínodo os órgãos da Igreja passaram a ser constituídos por:

COMISSÃO PERMANENTE

Bispo José Jorge Tavares de Pina Cabral – Presidente;
 Presbítero Carlos Augusto Azevedo Duarte - Vigário Geral;
 Presbítero Fernando de Almeida Santos – Arcipreste do Sul;
 Presbítero Sérgio Filipe Pinho Alves – Tesoureiro Diocesano; (eleito)
 António Vaz Pinto – Presidente da Comissão de Finanças; (eleito)
 Richard Almeida Domingues - Secretário; (eleito)
 Presbítero Eduardo Júnior – Rpe. do Clero do Arc. do Sul; (eleito)
 Diácona M^a Isabel Silva – Representante do Clero do Arc. do Norte; (eleita)
 Aurora Melo - Representante leiga do Arciprestado do Norte; (eleita)
 Patrícia Nascimento - Representante leiga do Arc. do Sul; (eleita)
 Brígida Isaura Pereira Arbiol – Representante do Dpt. de Mulheres.

COMISSÃO EXECUTIVA

Bispo José Jorge Tavares de Pina Cabral – Presidente;
 Presbítero Sérgio Filipe Pinho Alves – Tesoureiro Diocesano;
 António Vaz Pinto – Presidente da Comissão de Finanças;
 Helena Maria Tavares de Pina Cabral – Secretária; (eleita)
 José Serafim Filipe Sequeira – Vogal;(eleito)

CONSELHO FISCAL

João Vasco Tavares da Luz Soares - Presidente; (eleito)
 Pedro Miguel Raimundo Fernandes – vogal; (eleito)
 Sílvia Carla Folgado Breia – vogal.(eleita)

COMISSÃO DE FINANÇAS

António José Vaz Pinto dos Santos – Presidente; (eleito)
 Presbítero Sérgio Filipe de Pinho Alves - Tesoureiro Diocesano;
 João Vasco Tavares da Luz Soares - Presidente do Conselho Fiscal;
 Vogal (a ser nomeado pela Comissão Permanente)

Mulheres Lusitanas muito ativas

A presidente do DMIL, Brígida Arbiol, apresentou ao sínodo os trabalhos e projetos do departamento. As festas de solidariedade e os campos de férias seniores contam-se entre as ações mais marcantes, mas o DMIL esteve também representado em encontros em Espanha e no Brasil, apoia vários projetos sociais, faz visitaçao a doentes e entrou recentemente nas redes sociais com uma página no Facebook.



Relatório IAET

Apresentando aos membros do Sínodo o seu relatório, o coordenador do IAET, António Manuel Silva, destacou em particular o lançamento do Curso Peregrino, que envolve já cerca de 125 participantes em 14 grupos em ambos os arciprestados [ver notícia própria]. Entre outras frentes de trabalho salientam-se os contactos em curso com a Igreja Anglicana Episcopal Brasileira para a adaptação e uso em Portugal de módulos de formação teológica para leitores e candidatos ao ministério, sendo a educação cristã de base para crianças e jovens outra das preocupações do Instituto.

Mais um passo no serviço consagrado

Ilma Rios e Eduardo Júnior ordenados ao presbiterado no contexto do sínodo

A Igreja Lusitana conta desde 11 de Junho com dois novos presbíteros! Na celebração eucarística de encerramento do 96º Sínodo Diocesano, Festa de São Barnabé, discípulo, apóstolo e mártir, foram ordenados ao presbiterado os diáconos Ilma Rios e Eduardo Júnior.

A Rev. Ilma é brasileira e fez a sua formação teológica na Igreja Presbiteriana do Brasil, confissão onde deu os primeiros passos na fé. Posteriormente ingressou na Igreja Anglicana Episcopal do Brasil onde fez uma pós graduação em Teologia Pastoral tendo recebido as ordens de diácona no ano de 2010 no contexto da diocese Anglicana do Recife. Vivendo em Portugal há vários anos, vinha servindo na catedral de São Paulo, comunidade onde é muito estimada.

O Rev. Eduardo Júnior, angolano radicado no nosso país desde há longos anos, fez Teologia no extinto Seminário Evangélico de Teologia, em Lisboa, é também licenciado em Sociologia pela Universidade Lusófona e tem prestado serviço eclesiástico em diversas comunidades do arcebispoado do Sul, onde é igualmente bem conhecido e apreciado.

Ultimamente tem desenvolvido trabalho pastoral na paróquia da sagrada família e na missão da santíssima trindade.

A celebração eucarística teve lugar no bonito templo do Bom Pastor e contou com a presença dos membros do sínodo, membros das paróquias do Norte da Igreja e ainda de amigos e familiares dos ordinandos, vivendose um clima de festa, satisfação e gratidão a Deus pela chamada e disponibilidade destes novos presbíteros.

O culto foi presidido pelo bispo diocesano D. Jorge, que pregou, pelo bispo emérito D. Fernando e pelo Rev. Carlos Duarte, arcepreste do norte. No final da ordenação, a rev. Ilma entoou à capela um cântico religioso que lhe é particularmente inspirador, contribuindo para um momento de singela beleza que tocou todos os participantes.

Como expressou a mensagem final do sínodo, “dando graças ao Senhor por este sinal de renovação e reforço do ministério sacramental nas comunidades onde aqueles presbíteros servem o povo de Deus, a Igreja Lusitana reconhece nele a chamada de Deus a um maior testemunho do Seu Amor”.





Encontro dos Conselhos Nacionais das Igrejas da Europa reúne na Catedral da Igreja Lusitana

De 31 de maio a 3 de junho a cidade de Lisboa recebeu os secretários-gerais dos Conselhos Nacionais das Igrejas da Europa (ENCC) para uma reunião anual convocada pela Conferência das Igrejas da Europa (CEC). Os participantes vieram de diferentes regiões da Europa e reuniram-se na Catedral da Igreja Lusitana (Comunhão Anglicana em Portugal), a convite do Conselho Português das Igrejas Cristãs (COPIC) que esteve representado pelo seu presidente, Bispo Sifredo Teixeira e pelo Reverendo Sérgio Alves, como assessor do encontro.

Esta reunião anual liderada pelo secretário-geral da CEC Rev. Heikki Huttunen, é uma oportunidade importante para se partilharem experiências e para as Igrejas se apoiarem mutuamente no trabalho ecuménico. Os secretários-gerais também apresentaram relatórios dos seus países.

A situação atual na Europa esteve presente ao longo de todo o programa. Foi feita uma apresentação relacionada com a crise dos refugiados pelo Rev. Alfredo Abad Heras, vice-moderador da Comissão das Igrejas para os Migrantes na Europa. O Cardeal Patriarca de Lisboa, D. Manuel Clemente demonstrou um interesse especial pelo grupo e ofereceu uma visita guiada pessoal aos tesouros históricos do Mosteiro de São Vicente de Fora. O patriarca envolveu também todo grupo num diálogo aberto e poderoso sobre a necessidade de as Igrejas agirem e falarem em nome dos migrantes e refugiados na Europa. Os participantes também ficaram a conhecer a realidade do que se tem feito em Portugal para ajudar nesta situação com o Dr. Rui Marques, Presidente da Plataforma de Apoio aos Refugiados.

A liberdade religiosa e as tendências da religião em Portugal também foram destaque na agenda. O Secre-

tário de Estudos da CEC, Peter Pavlovic conduziu o grupo numa discussão sobre a governação económica da União Europeia, e introduziu o trabalho da Rede Cristã Europeia do Ambiente antes da sua próxima assembleia em Helsínquia.

Em nome dos secretários-gerais que se reuniram em Lisboa, o Bispo Sifredo Teixeira, escreveu para os Conselhos Nacionais das Igrejas (NCC) do Reino Unido, antes do referendo sobre a permanência na União Europeia. "Contem com as nossas orações e melhores sentimentos neste importante tempo de decisão", escreveu ele. "Acreditamos que a paz e a reconciliação estão no coração da União Europeia, sobretudo tendo em conta o legado de conflitos do passado."

Para a Igreja Lusitana foi muito importante acolher este encontro na Catedral. Desde a recuperação do Claustro, onde foi servido um jantar, os jardins, o pátio da cisterna bem como a aquisição de mesas para o salão paroquial, tudo foi devidamente preparado para estar à altura do evento. A aposta foi ganha! A Catedral está no "mapa" das Catedrais da Europa.



Quanto mais compreendermos juntos a Igreja, mais cresceremos na unidade

*Pastor Dr. Odair Pedroso Mateus**

Muita gente que já saiu da universidade ainda não tinha nascido quando a Comissão de Fé e Ordem do Conselho Mundial começou a projetar um texto em que teólogas e teólogos representando várias igrejas separadas umas das outras tentariam responder juntos, de preferência a uma só voz, à pergunta “O que é a Igreja?” O texto só foi aprovado pelos teólogos das igrejas separadas em 2012 e só foi publicado em 2013. Traduzi o texto para o português (brasileiro...) em junho de 2014. O texto foi publicado no Brasil em 2015 com o título: A Igreja: Uma Visão Ecumênica.

Mas por que passar tanto tempo tentando responder a uma pergunta que há mais de 40 anos teólogos latino-americanos como José Míguez Bonino classificavam como equivocada? A resposta impõe um desvio pelos meandros históricos e teológicos do cristianismo.

A pergunta “como superar essas divisões para que a mensagem seja mais visível e a mensageira mais parecida com a mensagem?” teve e continua tendo várias respostas. Uma delas consiste em dizer que a questão não é tanto a divisão cristã em si mas por quê dividir e em nome de quem dividir quando isso é necessário num mundo estruturalmente dividido em que ficar em cima do muro é fazer o jogo de quem domina e lucra com isso. Essa resposta, marcada pelas teologias críticas, associa a superação das divisões eclesiais à superação das divisões sociais. Esta e outras respostas concretas a essa pergunta constituem o que chamamos “movimento ecumênico”, no singular por comodidade ou convicção teológica.

A resposta na qual trabalho atualmente, que não exclui a resposta acima, consiste em dizer que a superação das divisões exige também que as igrejas separadas cheguem a um consenso teológico sobre o que é a Igreja e como o poder é exercido na Igreja porque isso fez parte de divisões passadas que continuam a existir. Seguem dois exemplos clássicos.

O cristianismo antigo de cultura grega e o cristianismo antigo de cultura latina se separaram gradativamente ao longo do primeiro milênio, por razões políticas, econômicas, culturais e teológicas. Um dos fatores da divisão ocorrida quase mil anos atrás foi a autoridade da e na Igreja. Os gregos diziam que a Igreja não tem poder para mudar um credo universal recebido pelas igrejas locais no século quarto enquanto que os latinos diziam a igreja tem não só o poder mas o dever de tornar explícitas doutrinas que estavam implícitas na tradição, como a questão clássica da procedência do Espírito Santo na Trindade em si, imanente. Outro exemplo. Quase quinhentos anos atrás os protestantes tentaram reformar a Igreja de Roma porque estavam convencidos de que o exercício da autoridade eclesial na Idade Média tinha levado a liderança da Igreja romana a viver e ensinar como a falsa igreja e, por isso mesmo, a ofuscar a luz do Evangelho de salvação pela graça por meio da fé.

"O cristianismo é uma religião contraditória. Por um lado sente-se enviado a pregar ao mundo uma mensagem de amor, isto é, que o Deus que é Pai, Filho e Espírito Santo vive em amor e por amor cria o mundo e o salva de seu pecado para que Criador e criação vivam em plena comunhão. Por outro, apresenta-se ao mundo como uma religião cheia de divisões que com frequência levaram e ainda levam ao ódio e à violência."

A tarefa de uma eclesiologia ecumênica hoje de responder à pergunta “O que é a Igreja?”, fica um pouco mais complicada quando nos damos conta de que só depois das grandes divisões do passado é que as diferentes tradições cristãs começaram a se perguntar e a responder sistematicamente a essa mesma questão “o que é a Igreja?”

Com isso as diferentes respostas que surgiram nos últimos séculos são em grande medida respostas polêmicas formuladas em linguagem defensiva ou apologética: minha Igreja diz que a Igreja é isto (e, logo, não aquilo que outras dizem que ela é) pelas razões seguintes (que invalidam em grande medida as razões de outras igrejas para falar da igreja como falam). Além do mais, essas respostas divergentes e mesmo contraditórias levam a diferentes visões da unidade cristã, o que torna ainda mais complexa a busca ecumênica.

Trata-se idealmente de desenterrar um dicionário esquecido que manifesta, como num palimpsesto, as equivalências fundamentais entre essas diferenças, o que o ecumenista precoce Nicolau de Cusa chamou no século 15 de coincidência dos opostos. Daí o facto de o texto sobre a Igreja publicado em 2013 pela Comissão de Fé e Ordem do CMI ter sido um trabalho não apenas difícil, exigindo muita paciência, mas também lento, a ponto de ter começado quando os que já saíram da universidade ainda não tinham nascido.

Lançado em 1989 e implementado depois de 1993, o projeto de um texto conjunto sobre a igreja bateu cabeça durante quatro anos e só deu um primeiro resultado em 1998, quando foi publicado com o título *The Nature and Purpose of the Church* (A Natureza e o Propósito da Igreja). Com base nas reações oficiais das diferentes igrejas participantes (ortodoxas, católica, protestantes), chegou-se a uma nova versão publicada em 2005, *The Nature and Mission of the Church* (A Natureza e a Missão da Igreja), publicada em português.

"Nessa área eclesiológica, o trabalho ecumênico consiste em reunir na mesma mesa essas diferentes linguagens mais ou menos polêmicas e apologéticas sobre a Igreja para que elas encontrem no sub-solo ou no inconsciente de si mesmas as semelhanças que poderiam tornar mais complementares essas “eclesiologias” que parecem há séculos conflitantes, se não mutuamente exclusivas."

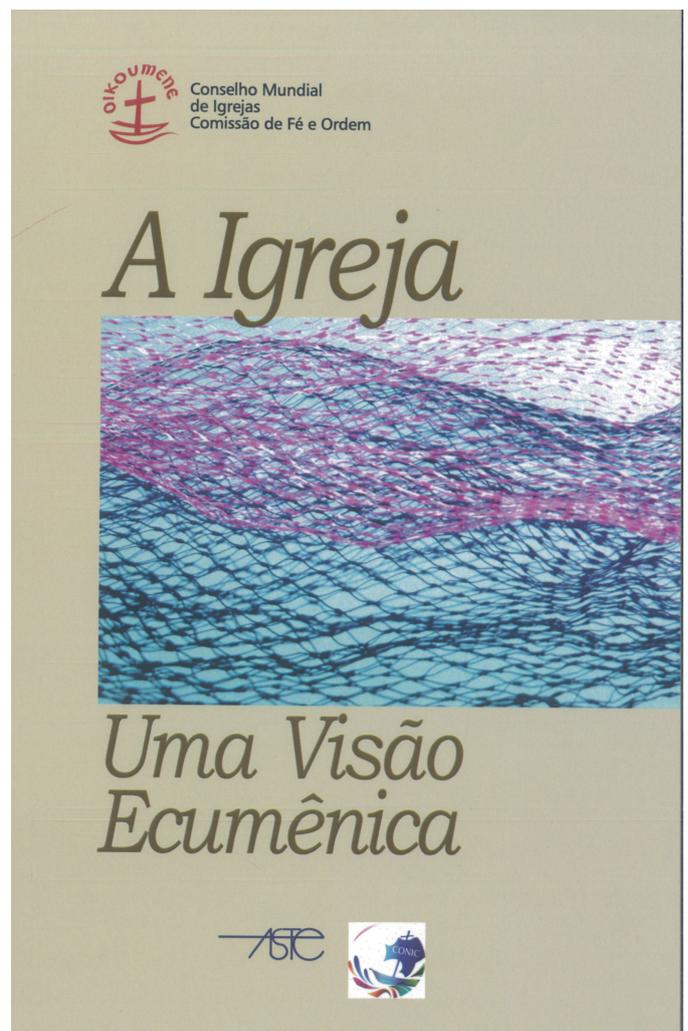
Uma vez mais as igrejas envolvidas nesse esforço foram solicitadas a comentar o texto em relação ao significado dele para a superação das divisões entre elas. Isso levou à terceira e última versão, *The Church: Towards a Common Vision*, que sugere uma certa “convergência” eclesiológica entre elas e que foi publicada em português como *A Igreja: Uma Visão Ecumênica*.

**Odair Pedroso Mateus:*

professor de teologia ecumênica no Instituto Ecumênico do Conselho Mundial de Igrejas;

Diretor da Comissão de Fé e Ordem do Conselho Mundial de Igrejas, Genebra, Suíça.

Autor de Crepúsculo: Pequenos Escritos Ecumênicos (2008) e Dois Estudos sobre a Gênese Universitária de Juan Luis Segundo (2013), disponíveis em academia.edu.



O PAI-NOSSO...

Rev. Jorge Barros

Apesar dos seus defeitos e de algumas hesitações, houve pelo menos duas ocasiões em que os Apóstolos fizeram pedidos a Jesus que manifestaram humildade e lucidez. Um deles foi “Aumenta-nos a Fé” (Lucas 17:5). O outro foi “Ensina-nos a orar” (Lucas 11:1) e levou Jesus a esclarecê-los com a famosa oração “Pai Nosso”.

Falando para judeus, Jesus usa uma “fórmula” nova, mas que se insere no judaísmo, tanto no conteúdo como no estilo. Basta recordar um aspeto; à semelhança dos “Dez Mandamentos”, tem também uma primeira parte dirigida a Deus e em segundo lugar aos homens. É importante ver que este tipo de oração é muitíssimo diferente das orações usadas pelo paganismo. Os próprios discípulos ouviram falar das orações que João Baptista ensinara, mas não as ouviram pessoalmente, ou não as acharam totalmente satisfatórias...?. Acharam, e com razão, que Jesus marcaria a diferença.

Esta oração é tão rica e profunda que seria possível analisar cada frase e quase cada palavra, uma a uma. Aqui iremos analisar alguns pontos, que conduzem a um final, quase previsível. Há ligeiras diferenças entre as versões de S. Lucas 11:1-4 e de S. Mateus 6:9-13. A primeira era destinada a cristãos de cultura grega, e a segunda a cristãos judeus. Vejamos, de modo resumido três ou quatro dessas diferenças. Lucas tem uma invocação mais breve e menos petições que as referidas em Mateus. E no pedido de perdão, em vez da palavra “dívidas” (ambígua para gregos) que Lucas usa a palavra “pecados”, mais significativa para estrangeiros. Há quem considere que S. Marcos 11:25 é uma ligeiríssima alusão ao contexto do Pai Nosso.

É muito significativo ser uma oração que usa “nós” em vez de “eu”, o que dá um nítido sentido comunitário e público, inclusive litúrgico, mais tarde. É claro que é de elementar prudência não fazer afirmações demasiado categóricas, quanto a alguns pormenores. Há diversas razões para tal:

- Jesus não deixou nada escrito...

- Não temos o primeiro texto, mas apenas cópias de cópias posteriores, com versões que começaram a ter ligeiras variantes e acrescentos. Por exemplo a palavra “ofensas” não altera o sentido.

- No Pai Nosso falado por Jesus, a língua usada foi o aramaico, usado naquela época em toda uma grande região. Mas há um pequeno problema. Quando Jesus ensinou nem todos terão decorado tudo à primeira vez... Há contudo, autores, por exemplo K. G. Kuhn, que admitem uma hipótese muito interessante. No aramaico antigo, a língua permitiria que o “Pai Nosso” estivesse em rima, o que teria facilitado a memorização, e de facto, tal como as parábolas e os salmos isso faz parte da sabedoria e da cultura religiosa judaica. É curiosa a opinião de um autor que considerou que, no limite, o Pai Nosso até podia ser usado por todos os monoteístas.

O conteúdo e o estilo do P. N. podem ser vistos como sendo parte daquilo que poderia ter sido uma profunda

renovação espiritual do judaísmo, mas a verdade dos factos é que, com o tempo, o “judaísmo oficial” que rejeitara Jesus, passou a encarar o Cristianismo com sendo uma seita herética.

Apesar de breve, esta oração contém pedidos para todas as necessidades materiais e espirituais. Contudo, há dois pedidos para nós evidentes e que, no contexto dos primeiros 150 anos D. C. poderiam, segundo alguns teólogos / exegetas atuais, ter um outro segundo sentido, oculto hoje para nós. “Não nos deixes cair em tentação” pode não significar só as tentações do dia-a-dia, das quais S. Paulo dizia... Com a tentação dará também o escape, para que as possais suportar” (1 Cor. 10:13) mas também o sentido escatológico da grande tribulação que o futuro reserva e à qual, se fosse prolongada, ninguém escaparia. Uma coisa não exclui a outra, mas reforça o sentido de “vigiar e orar” com redobrado fervor.

O pedido “livrai-nos do mal” tem também um sentido ambíguo ou, talvez melhor, ambivalente. Livra-nos do mal em geral, mas também livra-nos do Maligno - origem do mal.

Mesmo no final parece haver algo que vai “para além” da oração / pedidos. Quase todos os autores consideram que houve “acrescentos”, um pouco posteriores ao ensino de Jesus como tal. Aliás perfeitamente compatíveis. Mas quem os fez, porquê e quando? Começemos pelo que é talvez o mais simples. Logo na antiga tradução de S. Jerónimo (Vulgata Latina) e mais tarde na tradução para português do Pd. António Pereira de Figueiredo aparece apenas mais uma palavra, o “Amen”. Considerado como um acrescento com fins litúrgicos.

"É muito significativo ser uma oração que usa “nós” em vez de “eu”, o que dá um nítido sentido comunitário e público, inclusive litúrgico, mais tarde. É claro que é de elementar prudência não fazer afirmações demasiado categóricas, quanto a alguns pormenores. Há diversas razões para tal."

Mas há um “acrescento maior” usado pelas Igrejas da Reforma e pelos Ortodoxos. É este que justifica entrar em mais detalhes. “Pois teu é o Reino, o Poder e a Glória, agora e para sempre”. De facto, é uma proclamação solene e não mais um pedido. Encaixa bem no conjunto, mas como um complemento e não como uma expressão semelhante às precedentes. Trata-se do que se chama hoje “Doxologia”. Já no Antigo Testamento aparecem fórmulas equiparáveis a esta, em contextos de oração ou de ensino. A mais conhecida e mais direta é em 1 Crónicas 29:11, incluída numa oração de louvor do rei David. Também no Novo Testamento pode ser citado o final de Romanos

(16:27). Com alguma reserva, pode ser referido Daniel 2:37, onde a glória de um rei poderoso pode ser comparada à glória divina, com a cuidadosa ressalva de que a glória dos homens é passageira, e mesmo assim sob a condição de ser permitida por Deus e não por direito próprio.

Uma coisa é certa no aspeto histórico. Já no início do século II esta doxologia era usada pela Igreja, de modo muito espalhado geograficamente. Aliás aparece escrita muito precocemente e de modo quase “*ipsis verbis*” no antigo e conhecido Didaké (Ensino dos Apóstolos) que data mais ou menos da mesma época que o Apocalipse. Iremos referir outros autores, de várias épocas. Mas, entre outras hipóteses para a sua inclusão no texto do N. T. há que considerar duas. Ou foi um acrescento por iniciativa do próprio Mateus, ou ele limitou-se a registar uma expressão já tão generalizada que não fazia sentido omiti-la. Mas isto também é dependente da antiguidade dos manuscritos, nem sempre iguais...

No antigo “Codex Basileensis” (séc. VII – VIII) a oração inclui a Doxologia, e não apenas o “Ámen”. Bastante mais tarde, Erasmo de Roterdão (meados séc. XVI) ao editar o N. T. em grego inclui esta doxologia final. Exemplo este que seria seguido por Martinho Lutero na tradução da Bíblia para alemão. O mesmo faria o “nosso” João Ferreira de Almeida quando traduziu a Bíblia para português.

Os Ortodoxos adicionaram mesmo uma breve referência Trinitária. Alguns defensores do chamado “método estrutural” consideram, entre outros aspetos, que o mais importante é o texto bíblico finalmente conseguido e aceite, sendo menos importantes os passos seguidos na sua origem e na sua transmissão.

Há uma conclusão importante a tirar do facto da Doxologia ter sido incluída. Ela expressa todo o poder de Deus, e por isso toda a oração anterior fica a valer a pena. Foi dirigida Àquele que desde sempre merece confiança, está atento e tem poder autêntico para responder aos pedidos formulados. Adorar, louvar, confiar, contribui para a Glória de Deus e para o bem da Humanidade.

Segundo o Catecismo de Westminster, uma das primeiras Pergunta e Resposta: P – Qual é o principal fim (o objetivo) da existência do homem? R – O principal fim da existência do homem é conhecer a Deus, e deleitar-se nele para sempre.

Para terminar, mais dois ensinamentos bíblicos no mesmo sentido. “Não a nós, Senhor, não a nós, mas ao Teu nome dá Glória” (Salmo 115:1) e a certeza concedida pelo próprio Jesus “Tudo quanto pedires em meu nome, eu o farei” (S. João 14:13).

Bibliografia: Enciclopédia Bíblica S. Jerónimo, Tomo III Ed. Cristiandad/72

Catecismo de Heidelberg, P./R. 128; DIDAKÉ

Dicionário Bíblico, Vozes/1987; Série Peregrino / nº 2 / 6

O Pai Nosso – A doxologia final, E.S.V.

«Venha o Teu Reino; seja feita a Tua vontade»

No coração das nossas orações estarão as palavras que o próprio Jesus Cristo nos ensinou: «Venha o Teu Reino, seja feita a Tua vontade». É impossível exagerar o poder de transformação de vida da oração do Pai Nosso.

É uma oração que é suficientemente reconfortante para estar nos lábios dos moribundos e no entanto perigosa o suficiente para ser proibida nos cinemas no Reino Unido.

É famosa o suficiente para ser dita diariamente por biliões de pessoas em centenas de línguas e no entanto suficientemente íntima para nos levar a uma amizade cada vez mais próxima com Jesus Cristo.

É simples o suficiente para ser memorizada por crianças pequenas e no entanto suficientemente profunda para sustentar toda uma vida de oração.

Quando a oramos com sinceridade e prazer, mal conseguimos imaginar os novos caminhos nos quais Deus nos vai usar para a Sua glória.

Justin Welby, Arcebispo de Cantuária



MUÇULMANOS EM PORTUGAL

ASSALAMO ALEIKUM,

Esta é a saudação dos muçulmanos, que significa – “A PAZ DE DEUS ESTEJA CONVOSCO”. Utilizamos esta expressão, para saudarmos os nossos irmãos de fé e não só. Saudamos tantas vezes quantas as que encontramos com o mesmo irmão ou irmã, no mesmo dia. É uma forma de aumentarmos a harmonia e a amizade.

Em Moçambique, antes da revolução dos cravos, vivia-se uma diversidade cultural e religiosa. Os antigos colonos foram para Moçambique à procura de melhores condições de vida. Moçambique também recebeu imigrantes dos 3 estados indianos outrora pertencentes a Portugal, Goa, Damão e Diu. A coexistência pacífica entre as diversas raças, culturas e religiões, fazia inveja aos nossos vizinhos Sul-Africanos, cujo povo sofria da segregação racial.

Nos anos sessenta, alguns jovens muçulmanos de origem indiana, emigraram para a capital do império, à procura das melhores universidades. Acabaram por cá ficar, dando origem às primeiras famílias de muçulmanos em Portugal. Em 1968, o referido grupo de estudantes, cria a Comunidade Islâmica de Lisboa (CIL).

Com a independência de Moçambique, muitos muçulmanos, na maioria de origem indiana, abandonaram Moçambique, acabando por escolher Portugal como destino privilegiado. A eles juntaram-se os refugiados da Guiné Bissau, antigos militares Portugueses, e, por tal, sujeitos às perseguições pelos seus conterrâneos.

Os Moçambicanos e os Guineenses foram os primeiros percursos da Comunidade Islâmica em Portugal. O serviço militar obrigatório cumprido pelos muçulmanos, durante as guerras de libertação nas antigas colónias, a par de outros factores, aumentou o sentimento da identidade nacional.

Com a globalização, a Comunidade Islâmica em Portugal viu alargada a diversidade de raças e nacionalidades. Vindos dos países árabes, de África, da Índia, do Paquistão do Bangladesh, da Turquia e dos países próximos da União Soviética, a diversidade linguística aumentou, mas todos professando a mesma religião monoteísta, de que não há outra divindade senão Deus e que Muhammad é Seu último mensageiro. Uma multiplicidade de culturas, que confunde muitas vezes os menos atentos, levando-os a pensar que muitos dos usos e costumes fazem parte dos rituais da religião islâmica.

“Cremos em Deus e no que nos foi revelado e no que foi revelado a Abraão, a Ismael, a Isaac, a Jacob e às (doze) tribos e no que foi dado a Moisés, a Jesus e aos Profetas pelo seu Senhor. Não fazemos distinção nenhuma entre eles e submetemo-nos à vontade d’Ele”. Cur’ane 3.84.

A vinda destes novos imigrantes trouxe problemas acrescidos à nossa integração como minoria. As línguas de origem dificultavam-lhes a integração, a escolarização das crianças e também a obtenção de empregos. A discriminação e a desconfiança voltaram a sentir-se, pois a visibilidade era maior, devido aos usos e costumes. Foi necessário organizarem-se aulas de Português, tanto para os adultos como para os mais novos.

Actualmente, a maior parte dos muçulmanos residentes em Portugal, têm a nacionalidade Portuguesa.

A procura das melhores condições de vida levou a que muitos muçulmanos se espalhassem pelo país. A proximidade das mesquitas foi importante para que as 5 orações diárias serem efectuadas, de preferência em congregação. A logística, para que os filhos possam continuar a aprender as bases da religião, é também

outro factor determinante para as concentrações. Outro aspecto importante é o da existência de um talho que forneça alimentos halal, isto é, carne de animais abatidos em nome de Deus, o Único, e devidamente sangrados.

A partir dos anos oitenta, com alguma curiosidade, os residentes das cidades do Porto e de Vila Nova de Gaia começaram a assistir à chegada dos muçulmanos, que optaram por criar uma associação, a que deram o nome de Centro Cultural Islâmico do Porto, Pessoa Colectiva Religiosa, a qual se encontra devidamente autorizada e registada. Para além das actividades religiosas e sociais, esta associação é também responsável pelo diálogo inter-religioso a nível do norte do país.

Portugal adaptou-se ao multiculturalismo sem grandes sobressaltos. Três importantes factores contribuíram para este sucesso: i) a comunidade muçulmana ser constituída maioritariamente por crentes oriundos de Moçambique e da Guiné Bissau; ii) Terem em comum a língua Portuguesa; iii) Os dirigentes e os responsáveis religiosos das comunidades serem maioritariamente compostos por quadros, empresários e clérigos integrados na sociedade portuguesa. Mas ainda há muito caminho a percorrer, apesar dos passos que já foram dados para a liberdade religiosa. Oxalá – In Sha Allah – com a ajuda de Deus, os homens de boa vontade saberão ultrapassar os obstáculos.

Os muçulmanos da primeira geração deram aos filhos a possibilidade de estudarem e tirarem cursos técnicos ou superiores. Hoje são gestores e técnicos conceituados no nosso meio empresarial. O Profeta Muhammad, que a Paz de Deus esteja com ele, encorajou-nos a procurar o conhecimento, nem que tenhamos de viajar até à china. Jesus, que a Paz de Deus esteja com ele, também Profeta e Mensageiro do Islão, referiu: “Deus gosta que os Seus servos aprendam um ofício que os torne independentes”. Relato de Abu Bakr Ibn Abi al-Dunya.

Alguns muçulmanos, contrários aos ensinamentos religiosos, contra as provocações, manifestam-se numa forma violenta, acendendo ainda mais a fogueira da discórdia. Esquecem-se de que o Profeta Muhammad, quando foi provocado e agredido, nunca respondeu com violência, mas sempre esperançado de que os seus agressores renunciariam à idolatria e se voltariam para Deus.

A jihad é o esforço no caminho de Deus. A jihad pode ser o esforço de um crente, na procura de conhecimentos escolares, com vista à obtenção de melhores condições de vida para si e para os seus. A melhor jihad é não ter medo de, cara a cara, proferir uma palavra justa, perante um governante injusto. A Jihad não é guerra santa! Podem ter medo dos homens, mas não tenham medo do Islão.

É habitual enviarmos artigos com esclarecimentos e o nosso ponto de vista acerca das diferentes situações que envolvem muçulmanos. Salvo raras excepções, na maioria das vezes, os nossos artigos não são publicados. Paraphraseando um ditado popular, só é notícia relevante quando um muçulmano morde um cão.

Todas estas situações são preocupantes, porque perspectivam um futuro cheio de intolerância. A solução para esta incerteza é o de estimular e criar condições para que os jovens, de todos os quadrantes sociais e religiosos, possam aceder à educação, ao convívio e ao conhecimento mútuo.

O Colégio Islâmico de Palmela, ‘e uma escola oficial reconhecida e acompanhada pelo Ministério da Educação. A par da formação religiosa, os alunos são preparados para ascenderem às universidades. O respeito, a responsabilidade e a disciplina, são os três princípios que regem esta instituição de ensino, procurada não só pelos muçulmanos, como também por outros credos

Em Portugal, os muçulmanos vivem em paz com os seus vizinhos e procuram dissipar as informações erradas transmitidas pela comunicação social. Para isso, os responsáveis da comunidade islâmica, tanto no Centro/Sul como no Norte, vêm desenvolvendo trabalhos de divulgação junto às escolas, universidades e associações, com vista à explicação dos fundamentos da religião islâmica, para que também percebam que o islão não tem nada a ver com as manifestações violentas e com os atentados em nome da religião. A violência é própria de qualquer ser humano, independentemente da sua filiação religiosa, quando não consegue controlar os seus instintos maléficos.

É importante conhecermos o próximo. Com tolerância mútua, criarmos um diálogo honesto, a fim de encontrarmos a paz e a tranquilidade. Só assim continuaremos a construir um Portugal melhor para os nossos filhos e para as gerações vindouras. É louvável a preocupação dos professores de história e de religião e moral para darem aos seus alunos o conhecimento de outras religiões, promovendo visitas e encontros nas sinagogas, mesquitas e outros templos.

O nosso local de culto na cidade do Porto, é visitado anualmente, por mais de 2.000 alunos do ensino secundário, no âmbito das disciplinas de história e de religião e moral. Nas referidas visitas gratuitas, de duração de cerca de quarenta e cinco minutos, os alunos são informados dos diversos aspectos ligados aos fundamentos e ao culto islâmico.

As vias para chegarmos a Deus são tão numerosas, como as almas dos homens. Mas, todos juntos, podemos tornar este mundo muito melhor.

Louvado seja Deus, Senhor e Sustentador dos mundos, Luz da terra e do Universo. Ó nosso Senhor, lave o nosso coração com a água da neve e granizo e limpe o nosso coração de todos os males, como uma peça de roupa branca é limpa da sujidade e que haja uma distância muito longe entre nós e os pecados, como Tu fizestes o Oriente e o Ocidente longe um do outro.

Um abraço fraterno para todos os nossos irmãos da Igreja Lusitana. Que a Paz de Deus esteja com todos.

Abdul Rehman Mangá
Presidente do Centro Cultural Islâmico do Porto

Dar fruto

para que a glória de Deus seja manifestada e para que outros reconheçam Jesus como o Salvador do Mundo e a Ele se convertam em entrega de vida

Dar fruto

para que outros possam saborear aquilo que já sabemos que é doce e bom para a nossa vida

Dar fruto

não para nós mas para Deus e para os outros

Dar fruto

é dom de amor que acarreta a responsabilidade de manifestar aquilo que é bom e belo e de que o mundo tanto necessita ; a glória de Deus

In alocução episcopal ao Sínodo 2016 da Igreja Lusitana

